

AMOR NOS TEMPOS URBANOS: OS PASSANTES E O OLHAR PERVERSO

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (CES/JF)

RESUMO

Conseqüências do processo de urbanização nascido da revolução industrial. Mapeamento do olhar do Poeta nas representações estéticas da experiência urbana. Abordagem da tensão entre olhar e olhado no confronto entre o espaço da casa e o espaço da rua. A figura do passante no jogo estabelecido entre sujeito e objeto, observado no espetáculo da multidão. Reflexão sobre o conto de Clarice Lispector, “Amor”, inserido em **Laços de Família**. Entrada de um cego mascarando chiclete no campo visual da personagem principal, levando à mudança de comportamento e à eclosão do lado perverso da personalidade da protagonista.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Urbanização; O homem e a multidão; Passantes; Amor; Olhar perverso.

ABSTRACT

The consequences of the process of urbanisation born in the Industrial Revolution. Mapping of the look of the poet on the aesthetic representations of the urban experience. Approach to the tension between the eye and the object seen in the confrontation between the space of the house and the space of the outside street. The figure of the passer-by in the interplay between the subject and the object, observed in the spectacle of the crowd. Reflection on the short story of Clarice Lispector “Amor” inserted in the collection **Laços de Família**. The entry of the blind man chewing gum in the visual field of the principal character, bringing about a change in the behaviour and eruption of the perverse side of the personality of the principal character

Keywords: Clarice Lispector; Urbanisation; The man in the crowd; Passers-by; Love; The perverse look.

* * *



¹LISPECTOR, Clarice. Amor. In: ---. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973. p. 17-30). As subseqüentes citações deste conto serão feitas por esta edição, indicando-se o título, **AMOR**, em maiúscula, seguido da página em números arábicos.

²Texto original: «Ailleurs, bien loin d'ici ! trop tard ! jamais peut-être !/ Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais, / Ô toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais! » (Tradução de Ivan Junqueira. Edição bilingüe).

A leitura do conto de Clarice Lispector, “Amor”, inserido em **Laços de Família**¹, leva-nos a uma reflexão sobre a nova temática que, no século XIX, impõe-se com vigor aos homens de letras, nascida das conquistas no campo da indústria e do conseqüente processo de urbanização: a multidão e as ruas. Nesse contexto, os indivíduos se perdem anônimos, vagueando entre lojas, shoppings, participantes do espetáculo da metrópole.

Existe, todavia, nessa multidão uma forma de solidariedade, uma inquietação metafísica, anônima, mas não independente, como se constata no poema de Baudelaire “A une passante”, que se encontra em *As flores do mal*, em que dois seres se cruzam, sem se conhecerem, mas partícipes da mesma angústia, do mesmo spleen que envelopa as grandes cidades: “Longe daqui! Tarde demais! Nunca talvez! / Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste, / Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!” (BAUDELAIRE, 1985, p. 344-345)².

Esses encontros fortuitos na multidão das grandes cidades geram, muitas vezes, reações entre esses seres que se tocam, anônimos, sentindo, de repente, o despertar de alguma emoção, criando espaços de reflexão, sensações de perda de algum tipo de vida que poderia ter acontecido, de algum mistério que poderia ter sido desvendado, se esse tipo de estranhamento tivesse sido quebrado.

Em decorrência da revolução na indústria, constata-se uma mudança significativa no comportamento do homem ocidental, levando ao êxodo rural e ao crescimento das cidades. À medida que se concentra nas cidades, o homem se torna mais consciente das desigualdades sociais que, dispersas no ambiente rural, se acomodavam numa vida frugal.

Antes, ligado ao lar, à família, vê-se, de repente, inserido em um universo destituído de personalidade, onde a casa se torna apenas um lugar de passagem. O lugarejo, a vila, onde todos se conheciam são substituídos pela cidade grande. Esses labirintos de ruas, onde as pequenas cidades são substituídas por quarteirões, por edifícios anônimos, onde cada um se sente esmagado no seu isolamento, no seu anonimato, dissimula toda uma população que sofre, que se agita, que suporta seu destino, sua sorte, cada vez com menos dose de paciência.

Inserido na multidão, o indivíduo move-se através das massas, através das ruas, manifestando diferentes formas de comportamento no enfrentamento dessa nova situação. Assim, esse encontro inesperado com passantes, com desconhecidos que, de repente, desperta, na troca entre olhar e olhado, no breve clicar de duas consciências, o desejo de desvendar o mistério de vidas estranhas que se tocam, anônimas, invadindo o imaginário desses indivíduos perdidos na multidão, despertando emoções, abrindo pistas para reflexões, para uma necessidade urgente de desvendar segredos de vidas disfarçadas por trás de máscaras, é uma temática recorrente na literatura produzida depois da revolução industrial, que teve como ponto marcante o conto de Poe “O homem da multidão”. Perdido na turba desconhecida, o passante é condenado a arrastar-se pela massa, sem rosto, sem memória, um autômato, um tipo, conforme a referida narrativa:

Inicialmente, minhas observações tomaram uma direção abstrata e generalizante. Eu olhava para os passantes em massas e pensava neles em suas relações agregadas. Logo, contudo, eu desci a detalhes e olhava com minucioso interesse as inumeráveis variedades de corpo, roupa, ar, porte, rosto e expressão de semblante.

De longe, o grande número daqueles que passavam tinha uma conduta metódica e satisfeita, e pareciam estar pensando somente em fazer seu caminho através da multidão (POE, 1979, p.108)³.

Pouco a pouco, o olhar de Poe, mergulhado na multidão, começa a estabelecer distinções, a analisar os passantes, de acordo com seu modo de caminhar, de vestir, distribuindo-os em grupos perfeitamente discerníveis. De repente, nessa multidão, um desconhecido atrai o olhar do observador que passa a persegui-lo pelas ruas de Londres, tentando identificá-lo:

Com minha frente para a vidraça, eu estava assim ocupado em escutar o populacho, quando subitamente aí mostrou-se um rosto (o de um decrepito velho, de cerca de sessenta e cinco ou setenta anos de idade) - um rosto que imediatamente prendeu e absorveu minha total atenção, por conta da absoluta idiossincrasia de sua expressão. [...] Então surgiu um desejo ardente de manter o homem à vista - para conhecer mais dele. Apressadamente vestindo um sobretudo, e agarrando meu chapéu e bengala, eu me dirigi para a rua, e abri caminho através da multidão, na direção que eu o tinha visto tomar; porque ele já tinha desaparecido. Com uma certa dificuldade, eu

³Tradução da autora. Do Texto original: At first my observations took an abstract and generalising turn. I looked at the passengers in masses, and thought of them in their aggregate relations. Soon, however, I descended to details, and regarded with minute interest the innumerable varieties of figure, dress, air, gait, visage, and expression of countenance. By far the greater number of those who went by had a satisfied business-like demeanour, and seemed to be thinking only of making their way through the press.



⁴Texto

original: Whit my brow to the glass, I was thus occupied in scrutinising the mob, when suddenly there came into view a countenance (that of a decrepit old man, some sixty-five or seventy years of age,) - a countenance which at once arrested and absorbed my whole attention, on account of the absolute idiosyncrasy of the expression. [...] Then came a craving desire to keep the man in view - to know more of him. Hurriedly putting on an overcoat, and seizing my hat and cane, I made my way into the street, and pushed through the crowd in the direction which I had seen him take; for he had already disappeared. With some little difficulty I at length came within sight of him, approached, and followed him closely, yet cautiously, so as not to attract his attention.

finalmente avistei-o, aproximei-me, e o segui de perto, embora cautelosamente, de tal modo que não atraísse sua atenção (POE, 1979, 112-113)⁴.

Existe uma diferença entre o homem da multidão vista por Poe e a vista por Baudelaire, característica distintiva muito bem observada por Walter Benjamin:

A famosa novela de Poe, O homem da Multidão, é algo como a radiografia de um romance policial. Nele, o invólucro que representa o crime foi suprimido; permanece a simples armadura: o perseguidor, a multidão, um desconhecido que estabelece seu trajeto através de Londres de modo a ficar sempre no seu centro. Esse desconhecido é o flâneur. Também Baudelaire o entende assim quando em seu ensaio sobre *Guys*, denominou o flâneur “o homem das multidões”. Porém a descrição que Poe faz dessa figura está livre da conivência que Baudelaire lhe empresta. Para Poe, o flâneur é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso busca a multidão; e não é preciso ir muito longe para achar porque se esconde nela. A diferença entre o anti-social e o flâneur é deliberadamente apagada em Poe (BENJAMIN, 1991, p. 45).

Voltado para o mundo interior, Baudelaire descobre a solidão do homem no contexto citadino. Evoca o sentimento paradoxal do isolamento do indivíduo nas multidões dos grandes centros, nascidas, sobretudo, do êxodo rural e do afluxo de uma população desenraizada, tornada urbana pelo apelo da revolução industrial.

Sem dúvida, transformações ocorreram na temática da/do passante, observados pelo olhar de um desconhecido, nesse percurso pela multidão das grandes cidades ao longo dos séculos subseqüentes ao conto de Poe.

Colocados contra o pano de fundo dessa multidão, como se comportam esses dois desconhecidos ao se cruzarem anônimos e impessoais e, de repente, se sentirem tocados por um olhar que perscruta o outro? É o que se buscará investigar neste ensaio.

No conto de Clarice Lispector, “Amor”, Ana é uma dona de casa aparentemente conformada com a rotina da vida burguesa, inteiramente dedicada aos afazeres do lar, prisioneira do castelo que lhe oferecia as mordomias burguesas providas pelo marido:



Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o horizonte (AMOR, p. 17).

E Ana se compara a um lavrador:

Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam os filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome o canto inoportuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranqüilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida (AMOR, p.17).

Envolvida no trabalho doméstico, Ana anestesia a realização de expectativas adormecidas, os sonhos de juventude sufocados, e aceita a sua destinação de mulher, embora se trate de um caminho frustrador:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia... (AMOR, p. 18).

No resguardo dessa destinação acertada, Ana evita os momentos em que essa nova estrutura poderia correr o risco de se desorganizar. E se defende dos perigos que a invadem, sobretudo à tarde, quando a casa está vazia, e ela se liberta da rotina salvadora que, no dia seguinte, a reintegraria no papel definitivamente escolhido:

De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera (AMOR, p. 19).



Para evitar essa hora perigosa da tarde, Ana saía de casa para compras e pequenos serviços ligados a suas funções domésticas. Todavia a mudança de espaço vai gerar mudança de comportamento. Protegida do caos exterior e da “felicidade insuportável”, cercada por um muro que a isola e que a protege da desordem reinante na rua, Ana fica a mercê da inquietante estranheza que se esconde na rua e do lado perverso de sua personalidade.

De acordo com a etimologia, perverso vem do latim *perversus*, significando virado às avessas, desordenado, feito em desacordo com as regras, os costumes. Buscando-se o termo *perverter* no dicionário de língua portuguesa de Houaiss, foram encontrados, entre outros, os sentidos: tornar perverso ou mau, depravar; efetuar alteração em; desfigurar. A saída a rua vai fazer aflorar aquele lado que Ana busca sufocar na repetição de atos mecânicos de cada dia. E a crise acontece quando Ana se descuida dos hábitos protetores: “O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher” (AMOR, p. 19).

Esse pequeno descuido torna a personagem vulnerável, uma vez que “o espaço, da rua é a zona livre, que subitamente se torna local de perigo, onde o sujeito à deriva é levado a reconhecer, de forma radical, sua própria situação (ou condição) de desamparo” (MARTINS, 2004, p.21). O olhar de Ana seguia tranqüilo em consonância com o suave movimento do bonde, o pensamento voltado para o jantar da noite. De repente, um cego mascarando goma irrompe no seu caminho, invade-lhe o olhar. E o conflito que vinha sendo mascarado, que se prenunciava nas frinchas dos limites cuidadosamente demarcados, foge aos controles e explode.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranqüila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascarava chicletes... Um homem cego mascarava chicletes (AMOR, p.20).



Esse encontro com o passante abre uma fresta por onde penetra a identidade perdida com o casamento, reduzida a atos rotineiros e repetitivos em que se anula, presa a uma culpa que a impede de alçar vôo, toda voltada para as necessidades dos filhos, do marido, da casa. O cego mascando chicle faz Ana confrontar-se com o sem sentido de sua vida.

A cegueira do homem confronta Ana consigo mesma e com a sua própria limitação. Também ela está de olhos fechados para a construção de uma vida própria, alienada, deixando-se aprisionar na rede familiar, esquecida dos próprios valores. “O exercício do mal em Clarice [...] aparece no imbricamento de relações duais que configuram um campo atravessado pela desordem como força maléfica e perturbadora de uma estabilidade até então existente” (ROSENBAUM, 2006, p.121).

No confronto com o outro, o cego, essa expressão do mal se manifesta como “o avesso da submissão, ânsia que acomete o sujeito para transitar do lugar da imobilidade, do aprisionamento, a uma posição de agente do seu destino” (Ibidem, p. 122).

A figura do cego remete à sombra do mundo que se esconde ao olhar apagado para a luz, levando Ana a ver o mundo às avessas, a redescobrir uma realidade que julgava extinta. Nesse jogo de luz e sombras, Ana vê abrir-se uma nova realidade, marcada por um prazer que a sufoca.

Esse encontro repentino com o cego leva Ana ao “pior” de si, faz a personagem ingressar em um mundo desconcertante: “O cego, referência da escuridão, da invisibilidade, é quem de repente ateará uma centelha aos sentidos daquela que, até pouco tempo atrás, era uma contida mulher” (IANNACE, 2001, p., 60).

Nesse olhar que investiga o que não pode enxergá-la, Ana se depara com a sombra que veda a luz rotineira, abrindo-se-lhe um mundo que a seduz, que a enfeitiça: “O que chamava crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada” (AMOR, p.22).

Tomada de espanto e medo, deixa a sacola de compras cair ao solavanco do bonde de novo em movimento, quebrando os ovos. O lado perverso se instala. Ana olha os passantes com olhar cheio de piedade:



O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres, que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram (AMOR, p.21).

O ovo remete ao simbolismo de valores de repouso como a casa, o ninho, a concha, o seio materno. Todavia, aí se estabelece o jogo dialético entre o ser livre e o ser aprisionado, de onde decola a aspiração de saída desse universo fechado, dessa doce segurança, pela quebra da casca. O ovo, como a mãe, tornar-se-á o símbolo dos conflitos interiores que habitam o coração do burguês ávido de conforto e fascinado pelos desafios que dormitam no seu lado aventureiro. “Como nas cosmogonias, o ovo psíquico encerra o céu e a terra, todos os germes do bem e do mal, bem como a lei dos renascimentos e da eclosão das personalidades” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1974, p. 303). Fechada no seu universo, Ana vê que os esforços para manter-se dentro da concha se haviam rompido como os ovos quebrados na sacola de compras:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (AMOR, p.22).

Essa ruptura faz com que Ana sinta “um prazer intenso”, decorrente da quebra das amarras que a mantinham presa a um cotidiano seguro e insípido, de onde fora extirpada a intensidade da vida. Perde o ponto de descida, salta do bonde longe do caminho de casa, e, desorientada, tenta localizar-se em “uma rua comprida, com muros altos amarelos” (AMOR, p.23).

Essa rua vai levá-la ao Jardim Botânico, onde Ana vive uma experiência epifânica, ou seja, um momento de apreensão



intuitiva da realidade, decorrente do encontro fortuito, simples, no meio da multidão com um desconhecido, cego, mascarando chicle. Aí, nesse espaço novo, é como se Ana estivesse no Jardim do Éden. Sentada “no banco de um atalho” ela olha os seres vivos que a cercam, naturais, não conspurcados pela cultura, parecendo-lhe puros, voltados inteiramente para a fruição dos sentidos. Assustada e fascinada, Ana se deixa conduzir por esse olhar que visualiza essas vidas naturais como se estivesse percorrendo os meandros de sua existência represada, onde se percebia uma sensualidade de entrega que a fascinava e a deixava enojada:

O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos

Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante (AMOR, p.24).

Como essas pessoas que mergulham no mar e sentem a atração do abismo, sem vontade de retorno, Ana, perplexa ante o “mundo faiscante” a que o cego a conduzira, explora, ávida, a beleza do “Jardim, tão bonito que ela teve medo do Inferno” e não vê o tempo passar: “Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante e ela sentia nojo” (AMOR, p.25).

Entregue ao fascínio desse lado perverso que a seduz e a extasia, Ana se sente, ao mesmo tempo, culpada, ao lembrar-se das crianças. Foge da perigosa experiência, passando por um mesmo movimento de ruptura de limites:

Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria – e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu (AMOR,



p.25).

Todavia, a volta a casa é marcada pelo estranhamento. Ela se sente estrangeira naquele território. Abraça o filho com espanto e medo, dividida entre o chamado do cego e o apelo familiar:

Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se trêmula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava avisando-a. Abraçou o filho quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal – o cego ou o belo Jardim Botânico? – agarrava-se a ele a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela (AMOR, p.26).

Insegura ante a fissura, marcada por imagens de dentro e fora - bonde/rua, casa/jardim, ovo inteiro/ovo quebrado, luz/sombras -, ela se sente a beira de um abismo que a fascina e a apavora, pede o apoio protetor do filho: “Não deixe mamãe te esquecer” (AMOR, p.26). O mal estava feito. Rompida a crosta, Ana se encontrava “diante da ostra”.

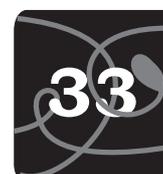
Depois do jantar, “quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas”, o marido a resgata da zona perigosa em que o mal, desencadeado pelo cego mascarando chicle, se insinua. Atento ao rosto estranho de Ana, ele a reconduz ao mundo em que por destinação ela se deveria incluir, mesmo sabendo que naquela tarde “uma coisa tranqüila se rebentara” Ana se deixa levar: “É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver”(AMOR, p. 30).

Enfim, Ana olha a própria imagem refletida no espelho e apaga a brasa acesa em seu coração: “E se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia” (Amor, p. 30).

Nesse encontro com o passante, modifica-se o mundo de Ana. A metáfora da vela apagada indicia um caminho que ela



fecha. E não se sabe para que lado se conduzirá seu destino: se para o mundo de sombras do cego ou para a escuridão de seus próprios dias, descobertos na perversão do olhar.



REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense 1991.

IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector**. São Paulo: EDUSP, 2001.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: _____. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973. p. 17-30.

MARTINS, Gilberto. Um passeio pelas ruas do Rio – o espaço do perigo. In: PONTIERI, Regina (Org.). **Leitoras e leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004. p.21-34.

POE, Edgar Allan. The man of the crowd. In: _____. **The portable Poe**. N. York: Penguin, 1979.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2006.

